

O livro “**Deleuze e a Educação**”, de autoria do filósofo e pesquisador em educação da Unicamp Sílvio Gallo, faz parte da coleção “*Pensadores & Educação*”, lançada pela editora Autêntica. Dentro dessa proposta, diversos pensadores da área da educação foram convidados para escrever sobre a relação entre a obra de vários nomes da ciência e/ou da filosofia com as várias dimensões do ato de se pensar a educação.

Já na introdução do livro, Gallo assume os limites e desafios de buscar relacionar o pensamento deleuziano com a educação, visto que aquele filósofo não teria escrito especificamente para ou sobre essa área do conhecimento. Como filósofo da imanência, Deleuze tinha uma preocupação na criação de conceitos para se pensar a realidade como um acontecimento e como multiplicidade, fugindo às mediações inerentes ao pensamento *dialético*, existentes em outras propostas, e sinalizando sua adesão à leitura da vida como totalidades provisórias e abertas aos deslocamentos e atravessamentos diversos.

Pela densidade da obra do filósofo francês Gilles Deleuze, a proposta de elencar elementos de seu pensamento para uma reflexão sobre e para a educação, além de ousada, demandou recortes do autor, cuja opção desenhou a seguinte trajetória na tessitura elaborada: uma primeira parte fora dedicada à relação de Deleuze com sua obra, relacionando sua bibliografia com sua biografia; uma segunda parte situando a filosofia deleuziana e suas rupturas com a filosofia dialética e um terceiro momento, onde Gallo nomeia como “deslocamentos” a aplicação do pensamento deleuziano no pensar e no transformar a educação.

Na primeira parte do livro, o autor sintetiza a trajetória filosófica de Deleuze e seus encontros com Claire Parnet, Michel Foucault e, principalmente, com Félix Guattari, seu principal parceiro na escrita de suas obras. Apesar de breve, essa explanação contribui para o leitor entender sua filosofia, principalmente para aqueles que não possuem leitura da obra desse filósofo, bem como suas criações conceituais, cuja nomenclatura vinha de várias áreas do conhecimento científico: mapas, territórios, molar, molecular, rizoma, entre outros. Essa apropriação dos conceitos científicos para se pensar a multiplicidade e as virtualidades, demonstra a preferência de Deleuze pela viagem pelos livros em detrimento de viagens convencionais, uma vez que ele preferia o confinamento.

Na busca de situar o pensamento deleuziano com a filosofia, Gallo destaca a preferência daquele pela concretude dos eventos, dos acontecimentos e sua efemeridade, ao invés da busca de uma abstração

universal da realidade, destacando a realidade enquanto uma tônica produtiva e imanente. Nesse sentido, ao mencionar a necessidade da construção de conceitos, ele o faz como provisoriidades e necessidade para se “rasgar o caos”, fugindo a tradição filosófica e científica de criação de categorias enquanto mediação para se pensar a realidade. É essa dinâmica criadora que Gallo destaca como o golpe desferido contra as noções correntes da filosofia (p. 35).

Para Deleuze, os conceitos devem ser entendidos como dispositivos que fazem pensar, que permite, de novo, pensar, ou seja, não como totalidades concretas prontas, mas acontecimentos dispostos no plano da imanência. Os conceitos, tomados como intensidades povoam esse plano imanente demandando à filosofia e aos pensadores criarem e re-criarem conceitos, de modo a possibilitar abarcar a realidade na sua virtualidade e na sua mobilidade.

Nesse capítulo do livro, Gallo busca didatizar o pensamento complexo de Deleuze, principalmente por contrariar a tradição filosófica da criação de conceitos enquanto categorias universais. Nesse sentido, para entendermos a relação com a educação, que é feita na última parte do livro, é imprescindível a leitura dessa contextualização do pensamento deleuziano, principalmente para aqueles leitores que não tiveram contato direto com a obra do filósofo francês.

Compreendido o contexto da vida e obra de Deleuze, brevemente apresentada nas primeiras cinquenta páginas do livro, na última seção do livro, Gallo inicia sua aproximação entre o filósofo francês e o “pensar a educação”. Intitulado **“Deslocamentos. Deleuze e a Educação”**, o autor segue a linha do pensamento deleuziano e justifica sua opção no “deslocamento” dos conceitos trabalhados pelo filósofo em sua obra para se pensar a educação, operando metodologicamente a partir de uma desterritorialização do conceito filosófico para uma territorialização do mesmo como ferramenta de reflexão. Nesse sentido, Gallo, além de defender o deslocamento da filosofia da educação enquanto instrumento de criação conceitual, aproxima o conceito de *“literatura menor”*, trabalhado por Deleuze, para se pensar uma “educação menor”, além disso ele busca uma aplicação do conceito de *“rizoma”* para se pensar as questões do currículo e da organização educacional e finaliza com uma discussão em torno das implicações do que Deleuze chamou de *“sociedades de controle”* para os problemas educacionais (p. 54).

O primeiro deslocamento apresentado por Gallo, referente à importância na criação de conceitos na filosofia da educação, além de criticar a tradição do pensar a educação pelos velhos conceitos, sinaliza a necessidade da aproximação do filósofo da educação com os problemas advindos desta área, permitindo a criação e a invenção de conceitos para que aqueles sejam ressignificados e ganhem consistência. Sendo assim, segundo ele, o filósofo deve pensar as questões colocadas no plano da imanência, buscando contribuir para mudanças através da ação criativa para os problemas em suas singularidades.

No deslocamento para uma “educação menor”, Gallo se apoia na obra **“Kafka – por uma literatura menor”**, escrita por Deleuze & Guattari, para descrever o que ele chama de *“por uma educação menor”*. Essa analogia/deslocamento, associada ao uso de vários conceitos deleuzianos, permite ao autor a criação de proposições para uma nova forma de ação pedagógica baseada numa educação revolucionária.

Por uma “educação menor”, ele refere-se aos atos de *“revolta contra os fluxos instituídos, resistência às*

políticas impostas” e como “um ato de singularização e de militância” (p. 64-65). Dito isto, ele subverte a lógica da “educação maior”, como aquela instituída e que quer instituir-se através de suas máquinas de controle, de subjetivação e de serialização, para propor uma educação comprometida com uma desterritorialização. A aprendizagem e o ato pedagógico são pensados por Gallo, neste deslocamento, como processo de resistência ao instituído e como potência inventiva, devendo o processo educativo estar pautado no coletivo e na viabilização de conexões e mais conexões, não como integração de conhecimentos, mas como um rizoma aberto à criação do novo.

Dando continuidade aos deslocamentos, Gallo utiliza-se do conceito de *rizoma* para apresentar sua crítica ao modelo de currículo e às propostas de interdisciplinaridade, apresentadas pelas políticas neoliberais como ideais para a prática pedagógica inovadora. A partir desta crítica, o autor defende um currículo transversal e rizomático, criticando de antemão as propostas pedagógicas que visam resultados, a quantificação, a massificação e a unidade. Segundo ele, a educação revolucionária e “menor”, deve passar pela produção singular a partir de múltiplos referenciais, deve ser voltada para uma subjetividade realmente autônoma e deve ser criativa, buscando se afastar de qualquer pretensão de unidade.

No último deslocamento, referente à “Educação e o controle”, Gallo enfatiza como têm sido ampliados os mecanismos de controle nas escolas, seja através da vigilância, seja através da demanda por resultados, destacando a miniaturização das estratégias em todos os setores da vida como inerentes às novas práticas políticas e gerenciais. Apesar de criticar essa tendência e sua inércia no nosso cotidiano, Gallo, numa atitude “positivo-deleuziana”, acredita que a resistência, como instrumental da subjetividade, é capaz de romper com essa lógica, produzindo subjetividades revolucionárias e autônomas enquanto molas propulsoras para as mudanças necessárias na realidade. Como aponta o autor, *“pode até haver métodos para ensinar, mas não há métodos para aprender. O método é uma máquina de controle, mas a aprendizagem está para além de qualquer controle; a aprendizagem escapa, sempre” (p. 84-85).*

A partir dessa concepção de educação, vimos que a apropriação de Gallo dos conceitos deleuzianos nos oferece um cabedal crítico às políticas educacionais brasileiras da atualidade, uma vez que as práticas vivenciadas atualmente têm apontado justamente para a efetivação da massificação e da intensificação do controle sobre a subjetividade e sobre o “produto”. Mais do que apresentar críticas, a obra de Sílvio Gallo contribui para mudanças efetivas nas práticas, pois ele consegue traduzir a densidade conceitual da obra de Deleuze para o pensar a educação.

Nesse sentido, o livro **“Deleuze e a Educação”**, além de apresentar um pouco da vida e obra deste grande filósofo, mostra na prática o que ele propunha quando dizia que um filósofo deve construir conceitos e utilizá-los como ferramentas para se pensar as práticas e suas efemeridades. Sílvio Gallo destaca essa forma de pensar e consegue construir, em poucas páginas, o exercício de manejar conceitos num ato revolucionário deleuziano de rasgar o caos.

No último parágrafo do livro, Gallo lança mão de questões ao leitor-educador como um exercício-convite a ser um pouco deleuziano, a ser um filósofo-menor para se pensar as questões da educação e de sua prática. Pela riqueza das questões, encerro transportando-as como convite a tais reflexões, bem como às

leituras das obras originais deste grande filósofo da imanência.

“Queremos opor resistência? Não estamos, educadores em geral, embarcando muito facilmente nos discursos macropolíticos, nos mecanismos de educação maior, que alardeiam a todos os ventos os tempos da avaliação permanente e da formação continuada? Não temos sido, nós mesmos, os vetores da consolidação das sociedades de controle no âmbito da educação?” (p. 91).

Resistência e desterritorialização...